



O ROSTO DE CRISTO NA CONFERÊNCIA DE APARECIDA

(The face of Christ in the Conference of Aparecida)

Elcio Bernardino Correia*

Mestrando em Teologia pela PUCSP

RESUMO

O presente artigo tem como objetivo abordar os aspectos cristológicos no Documento da V Conferência de Aparecida. O documento destaca os discípulos missionários de Jesus Cristo e aborda a ação da Igreja em várias frentes. Portanto, cabe analisar como é destacada a pessoa de Cristo na Conferência, pois Ele é o modelo maior para toda ação missionária da Igreja.

Palavras-chave: Cristologia, Igreja, Aparecida.

ABSTRACT

This article aims to address the Christological aspects of the Document of the Fifth Conference of Aparecida. The document highlights the missionary disciples of Jesus Christ and discusses the Church's action on several fronts. Therefore, we need to analyze how prominent is the person of Christ in the Conference, for He is the greatest role model for all missionary activity of the Church.

Keywords: Christology, Church, Aparecida.

INTRODUÇÃO

Falar sobre o Cristo no Documento de Aparecida é falar exatamente de seu tema unificador. Notadamente o documento salienta o papel missionário do povo de Deus em relação à sua época bem como em seus variados contextos de atuação. Como explica Souza:



A Conferência tem como proposta animar os missionários do continente, a assumirem sua missão de discípulos e discípulas, evangelizando, anunciando a Jesus Cristo e seu projeto de amor, justiça e solidariedade para que estes povos tenham vida¹.

Deve-se, portanto, ser enfatizado o fato de que se este povo tem uma missão, essa veio precisamente do próprio Cristo. Nos evangelhos, o Senhor Jesus explicita a missão:

E, chegando-se Jesus, falou-lhes, dizendo: É-me dado todo o poder no céu e na terra. Portanto ide, fazei discípulos de todas as nações, batizando-os em nome do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo; Ensinando-os a guardar todas as [coisas] que eu vos tenho mandado; e eis que eu estou convosco todos os dias, até a consumação dos séculos. Amém (Mt 28,18-20).

“E disse-lhes: Ide por todo o mundo, pregai o evangelho a toda criatura.” (Mc 16,15).

“E disse-lhes: Assim está escrito, e assim convinha que o Cristo padecesse, e ao terceiro dia ressuscitasse dentre os mortos. E em seu nome se pregasse o arrependimento e a remissão dos pecados, em todas as nações, começando por Jerusalém. E destas [coisas] sois vós testemunhas” (Lc 24,46-48).

Para o cumprimento desse Seu mandato, a Igreja contaria com a promessa de Jesus, que é descrita no livro de Atos.

“Mas recebereis a virtude do Espírito Santo, que há de vir sobre vós; e ser-me-eis testemunhas, tanto em Jerusalém como em toda a Judéia e Samaria, e até aos confins da terra.” (At 1,8).

Após a ascensão do Cristo aos céus, Esse cumpre a Sua promessa de enviar o Consolador e Capacitador, O Espírito Santo (cf. At 2).

Em todo esse contexto de delegação de autoridade e concessão de poder para o cumprimento da missão de evangelização, deve-se lembrar das palavras do próprio Cristo que perpassam toda a história da Igreja: “Sem mim nada podeis fazer” (cf. Jo 15,5).



A V Conferência de Aparecida enfatiza, sobretudo, a participação do povo de Deus na evangelização como discípulos missionários. Esse almejar só poderá ser realizado com a “cristocentralidade” da Igreja em seus pronunciamentos e ações.

1. O ROSTO DE CRISTO E SEU CONTEXTO

Quando lemos o Documento de Aparecida, nos deparamos com dezenas de títulos que descrevem a pessoa que envia e capacita os seus “discípulos missionários”. Em meio a esta profusão de títulos, que em relação ao Cristo é totalmente justificável, podemos notar títulos que destacam o rosto de Jesus, o “Deus de rosto humano” (DAp 22).

A missão da Igreja, dos “discípulos missionários” de Jesus, é evangelizar, é anunciar a boa nova do reino (DAp 30). Essa ênfase transborda no documento da V Conferência:

No rosto de Jesus Cristo, morto e ressuscitado, maltratado por nossos pecados e glorificado pelo Pai, nesse rosto doente e glorioso, com o olhar da fé podemos ver o rosto humilhado de tantos homens e mulheres de nossos povos e, ao mesmo tempo, sua vocação à liberdade dos filhos de Deus, à plena realização de sua dignidade pessoal e à fraternidade entre todos. A igreja está a serviço de todos os seres humanos, filhos e filhas de Deus².

Dessa forma, ser um discípulo missionário do Cristo é engajar-se da tarefa que ele deixou, é o reconhecer-se portador do tesouro do Evangelho e ter a alegria de anunciar esse dom (DAp 28).

O Evangelho apresenta nosso Senhor como alguém envolvido holisticamente com a obra de Deus:

E percorria Jesus todas as cidades e aldeias, ensinando nas sinagogas deles, e pregando o evangelho do reino, e curando todas as enfermidades e moléstias entre o povo. E vendo a multidão, teve grande compaixão deles, porque andavam desgarrados e errantes, como ovelhas sem pastor (Mt 9,35-36).



O Cristo que ministra operosamente, não é somente ação, pode-se observar a expressão “E vendo a multidão”. O Cristo que veio na plenitude do tempo (cf. Gl 4,4), conhecia plenamente o seu contexto. O documento de Aparecida também salienta essa questão em seu segundo capítulo “Olhar dos discípulos missionários sobre a realidade”.

O Cristo de Aparecida é aquele que observa o que a sociedade de hoje está absorvendo e conseqüentemente se transformando (Dap 33-100). Esse rosto de Cristo olha o seu tempo, a sua geração de maneira a não somente contemplar, mas também interagir com a sociedade pós-moderna como diz Souza:

Será importante refletir, analisar e traçar pistas concretas de atuação diante de diversos questionamentos para a Igreja na Modernidade [...]. O componente secularista da Modernidade e da Pós-modernidade é o primeiro questionamento. Não é suficiente ter uma abordagem de rejeição ou condenação. É urgente criar canais de diálogo com as diversas formas culturais da Modernidade, na sua complexidade e diversidade [...]. Diante do pluralismo religioso, marcante no fim do século XX e início deste, e do amplo despertar da religiosidade, com uma intensa busca da experiência do sagrado e do místico, cabe a igreja refletir e oferecer uma contribuição nova e criativa [...] com isso, fica clara a necessidade de novas práticas e dinâmicas eclesiais diante da crise da Modernidade. Uma igreja apaixonada pelo medievalismo estacionaria na história, ou, o que é pior, retrocederia. Muitos fiéis católicos e cristãos já discutem o papel e a atuação da Igreja na Pós-Modernidade³.

O rosto de Cristo é aquele que olha para seu contexto, e sente compaixão para com ele, o rosto de Cristo é o mesmo que chora diante de “Jerusalém, Jerusalém”, cidade paradigmática de todas as outras em sua necessidade do Evangelho transformador, como sustenta o décimo plano de pastoral da Arquidiocese de São Paulo ao comentar sobre o marco da realidade:

A cidade tem uma lógica própria. Nela, a Igreja precisa encontrar seus interlocutores, seus espaços e momentos adequados. Esta atitude requer critérios estabelecidos de acordo com a Palavra de Deus, para que as diferentes vozes e forças urbanas sejam direcionadas ao bem da comunidade. Para fortalecer os caminhos da evangelização e responder com a Palavra de Deus aos seus apelos, é necessário tocar na cidade [...], compreender o quanto é possível sua vida e os contrastes no seu cotidiano, a dinâmica dos nervos urbanos, sua realidade plural e em constante mudança, a diversidade das vozes que nela ecoam, dialogam e interagem [...]. Em meio às múltiplas



vozes e forças atuantes, a Igreja apresenta à cidade uma proposta de vida na qual as pessoas se realizem e se sintam realizadas, porque seguem Jesus Ressuscitado, Caminho, Verdade e Vida. Isto é para a Igreja uma exigência⁴.

Este Cristo possui o “rosto humano de Deus e o rosto divino do homem” (DAp 107), assim seguindo seus passos, deve-se prosseguir seus discípulos como missionários que promovem: 1. A boa nova da dignidade humana. 2. A boa nova da vida. 3. A boa nova do trabalho. 4. A boa nova da ciência. 5. A boa nova da solidariedade com a criação (DAp 103).

Os discípulos missionários, como sal e luz deste mundo, contemplarão o rosto do Cristo que conclama para a missão e não se conformarão em não ver essa silhueta presente na sociedade. Se a Sagrada Escritura afirma que é o plano de Deus que todas as coisas convirjam para Cristo, então a Igreja deve realizar seu papel nesse plano (cf. Ef 1,10).

O rosto do Cristo no Documento de Aparecida é o rosto do Cristo missionário, que ainda hoje continua a dizer “o campo é o mundo”. Mas essa convicção, não é estagnada e sim dinâmica, e proativa como se pode notar no documento:

Jesus saiu ao encontro de pessoas em situações muito diferentes: homens e mulheres, pobres e ricos, judeus e estrangeiros, justos e pecadores [...] convidando-os a segui-lo. Hoje, segue convidando a encontrar nele o amor do Pai. Por isto mesmo, o discípulo missionário há de ser um homem ou uma mulher que torna visível o amor misericordioso do Pai, especialmente aos pobres e pecadores⁵.

Assim os discípulos missionários, como cristãos (pequenos Cristos) devem imitar o seu mestre nesta dinâmica de encarar o seu contexto, como pontua Dorado:

A evangelização e conseqüentemente a nova evangelização, exige uma marcha em direção ao homem e um encontro dos evangelizadores com a humanidade concreta, a qual pertencem, e têm que viver [...]. Não há dúvida de que Jesus foi um judeu, integrado com a cultura popular [...] e situado no complexo contexto econômico, social político e religioso de sua época [...]. Jesus é o homem modesto e livre, integrado à cultura e costumes de seu povo, que olha o mundo como a sua casa e como a casa de Deus e considera todos os homens [...]. Mas Jesus também sai ao encontro do homem de todas as épocas e de nossa época. A Igreja e os Cristãos de hoje têm que perguntar quem é o homem atual, quais são seus problemas e esperanças de sua época e



para aonde marcha a história. É a estes homens reais a quem devemos amar, dialogar, colaborar na solução de seus problemas e em um impulso comprometido com suas esperanças humanas; temos que lhes transmitir o testemunho aberto da mensagem de Jesus e o mistério e experiência de nossa fé⁶.

1.1. O ROSTO DE CRISTO E A VOCAÇÃO DOS DISCÍPULOS MISSIONÁRIOS

O rosto de Cristo é um rosto atento e que vê todos aqueles a quem comissiona para a obra, como diz o Evangelho: “E levou-o a Jesus. E, olhando Jesus para ele, disse: Tu és Simão, filho de Jonas, tu serás chamado Cefas (que quer dizer Pedro). No dia seguinte quis Jesus ir à Galileia e achou a Filipe, e disse-lhe: Segue-me” (cf. Jo 1,42-43).

Esta vocação é tanto individual, e de acordo com os chamados específicos de Deus para o discípulo, mas também é uma vocação coletiva como diz Vallejo: “A vocação própria e inevitável da Igreja, é a de levar o Evangelho a todos os homens. É a resposta ao mandato recebido e não se pode conceber a história da Igreja sem levar em conta essa missão evangelizadora”⁷.

Assim o rosto atento de Cristo chama ao seguimento de Si mesmo como ensina o capítulo IV, a vocação dos discípulos missionários:

O chamado que Jesus Mestre faz, implica uma grande novidade. Na antiguidade, os mestres convidavam seus discípulos a se vincular com algo transcendente e os mestres da Lei propunham a adesão à Lei de Moisés. Jesus convida a nos encontrar com Ele e a que nos vinculemos estreitamente a Ele, porque é a fonte da vida (cf. Jo 15,1-5) e só Ele tem palavras de vida eterna (cf. Jo 6,68). Na convivência cotidiana com Jesus e na confrontação com os seguidores de outros mestres, os discípulos logo descobrem duas coisas bem originais no relacionamento com Jesus. Por um lado, não foram eles que escolheram seu mestre, foi Cristo quem os escolheu. E por outro lado, eles não foram convocados para algo (purificar-se, aprender a Lei...), mas para Alguém, escolhidos para se vincularem intimamente à Pessoa dele (cf. Mc 1,17; 2,14). Jesus os escolheu para “que estivessem com Ele e para enviá-los a pregar” (Mc 3,14), para que o seguissem com a finalidade de “ser d’Ele” e fazer parte “dos seus” e participar de sua missão. O discípulo experimenta que a vinculação íntima com Jesus no grupo dos seus é participação da Vida saída das entranhas do Pai, é formar-se para assumir seu estilo de vida e suas



motivações (cf. Lc 6,40b), correr sua mesma sorte e assumir sua missão de fazer novas todas as coisas⁸.

Esse seguimento do Cristo é transformador, pois o discípulo passa a estar vinculado com Aquele que dá a vida e assim viver através dele (cf. Jo 15,1-8), e também passa a desfrutar do espírito filial (Jo 1,12-13).

No seguimento de Jesus Cristo, aprendemos e praticamos as bem-aventuranças do Reino, o estilo de vida do próprio Jesus: seu amor e obediência filial ao Pai, sua compaixão entranhável frente à dor humana, sua proximidade aos pobres e aos pequenos, sua fidelidade à missão encomendada, seu amor serviçal até à doação de sua vida (DAp 139).

Como afirma Quesada:

Compreender que ser cristão é ser seguidor de Jesus e que a Igreja é a comunidade dos seguidores de Jesus. Nesta perspectiva, ser cristão é entrar em um caminho. A grande preocupação de Jesus foi provocar um seguimento vital, não criar uma doutrina. Os discípulos de Jesus, desde o primeiro momento são convidados a lhe seguir (Jo 1,39) e o discipulado autêntico, ao longo da história Cristã, tem sido sinônimo de seguimento⁹.

Este novo relacionamento, que muda toda a estrutura do ser do discípulo missionário, verá o mundo como vê o rosto do Cristo compassivo:

A resposta a seu chamado exige entrar na dinâmica do Bom Samaritano (cf. Lc 10,29-37), que nos dá o imperativo de nos fazer próximos, especialmente com quem sofre, e gerar uma sociedade sem excluídos, seguindo a prática de Jesus que come com publicanos e pecadores (cf. Lc 5,29-32), que acolhe os pequenos e as crianças (cf. Mc 10,13-16), que cura os leprosos (cf. Mc 1,40-45), que perdoa e liberta a mulher pecadora (cf. Lc 7,36-49; Jo 8,1-11), que fala com a Samaritana (cf. Jo 4,1-26)¹⁰.

Dessa forma é vocacionado o discípulo missionário, não se trata de uma religião fria, somente pautada no racional, mas é uma relação de vida sobre vida, na qual o vocacionado compartilha daquilo que foi derramado sobre si. Como afirma o documento:



Por isso, todo discípulo é missionário, pois Jesus o fez partícipe de sua missão, ao mesmo tempo, que o vincula a Ele como amigo e irmão. Dessa maneira, como Ele é testemunha do mistério do Pai, assim os discípulos são testemunhas da morte e ressurreição do Senhor até que Ele retorne. Cumprir esta missão não é tarefa opcional, mas parte integrante da identidade Cristã, porque é a extensão testemunhal da vocação mesma¹¹.

Oporto comenta:

Graças aos relatos vocacionais sabemos que, na maioria dos casos, foi o próprio Jesus quem tomou a iniciativa, chamando seus discípulos com uma autoridade pouco comum, e que tal chamamento implicava um intenso vínculo a ele. O chamado de Jesus foi, antes de mais nada, um convite para segui-lo (Lc 9,60; Mc 1,18;10,28), a ir após ele (Mc 1,17.20). Nas tradições sobre o discipulado, estas expressões tem um significado muito rico, pois inclui o seguimento físico, indo, porém, muito além disso. Os evangelhos refletem de forma espontânea essa primeira dimensão do seguimento, pois os discípulos acompanham Jesus em todos os momentos [...] porque os discípulos não só tinham de aprender alguns ensinamentos, mas deviam ser testemunhas das ações nas quais se fazia presente o reino de Deus anunciado por Jesus [...]. Seguir Jesus, ir após ele, é também uma atitude existencial, que consiste em compartilhar seu estilo de vida, vivendo como ele vive. Neste nível devem se situar as exigências do seguimento que aparecem nos relatos de vocação como requisito para responder a seu chamado [...]. O tempo passado junto de Jesus, compartilhando seu estilo de vida, entende-se, dessa forma, como uma etapa de preparação para poder colaborar na tarefa de anunciar e fazer presente o reino de Deus. A missão é, portanto, um elemento constitutivo do chamado e do discipulado de Jesus¹².

1.2. O ROSTO DE CRISTO E O ANÚNCIO DO EVANGELHO

A missão dos discípulos missionários não surge somente a partir da boa vontade humana, na realidade é um comissionamento divino, vindo do alto.

Como afirma Retamales:

O querigma ou mensagem Cristã consiste na proclamação de Jesus como o Messias morto e ressuscitado para a salvação de todos, promessa anunciada pelo Pai mediante os profetas do Antigo Testamento e cumprida em Jesus de Nazaré (cf. Rm 16,25-27; Mt 12,41; Lc 11,32). A mensagem exorta à adesão à fé, instaura a salvação e inaugura processos de conversão [...]. O conteúdo



fundamental do querigma é a morte e a ressurreição de Jesus Cristo como acontecimento salvífico atual [...]. A finalidade da proclamação do querigma é suscitar a fé em Jesus de Nazaré enquanto Messias e Filho de Deus, de forma que tal aceitação se atualize em salvação para o crente, isto é, em vida eterna (Jo 20,31) [...]. No mesmo ato de proclamar o querigma, coloca-se em jogo o dinamismo transformante da Palavra da graça enquanto Boa-Nova (proposta) que apela à pessoa (resposta) [...]. A proclamação do acontecimento salvífico, aceito pela fé e pela conversão, coloca em ação o Reino de Deus, seus valores e sua cosmovisão [...]. Pela mesma razão, a adesão ao conteúdo do querigma, introduz o discípulo no Reino de Deus, fazendo que Deus seja “seu Senhor”, isto é, faz com que ele viva sob a soberania salvífica da Trindade [...]. O arauto que exorta ao arrependimento dos pecados e à obediência da fé faz com que a boa-nova seja nesse preciso momento “força de Deus” para aquele que a aceita (Rm 1,16). O querigma, aceito com alegria, faz do *chronos* (tempo como extensão) um *kairós* (tempo como oportunidade), ou seja, tempo propício para a intervenção salvífica de Deus. O Espírito Santo do Pai suscita aquela resposta crente que gera a adesão a Jesus Messias¹³.

As boas obras devem superar realidades e necessidades presentes. No documento de Aparecida, a opção pelos pobres é notória, reiteradamente chama-se a atenção ao cuidado com os marginalizados; mas isto não quer dizer que o anúncio do evangelho pressupõe somente o assistir o necessitado em suas mazelas situacionais. O documento vê a todos como necessitados, sobretudo da salvação. Cristo ensinou à sua Igreja a amar ao próximo, mas nesta prática, não se pode prescindir daquele que é o pão e tesouro principal (cf. Jo 6,47-58). Dessa forma o auxílio aos necessitados não é um fim em si mesmo e sim uma das manifestações da graça de Deus mediante sua Igreja.

Assim os discípulos missionários são aqueles que enxergam com o rosto de Cristo, que vê as necessidades materiais e espirituais do próximo, chamando a Igreja a uma missão integral:

Bento XVI nos recorda que “o discípulo, fundamentado assim na rocha da Palavra de Deus, sente-se motivado a levar a Boa Nova da salvação a seus irmãos. Discipulado e missão são como as duas faces da mesma moeda: quando o discípulo está apaixonado por Cristo, não pode deixar de anunciar ao mundo que só Ele nos salva (cf. At 4,12). De fato, o discípulo sabe que sem Cristo não há luz, não há esperança, não há amor, não há futuro”. Essa é a tarefa essencial da evangelização, que inclui a opção preferencial pelos pobres, a promoção humana integral e a autêntica libertação Cristã¹⁴.



1.3. O ROSTO DE CRISTO E A COMUNHÃO COM A IGREJA

O rosto do Cristo no Documento de Aparecida é um rosto amigável e acolhedor, é o rosto que vislumbra a futura “casa de meu Pai”, mas também frequenta as casas de amigos em Betânia, ou de seus próprios discípulos, ou ainda de pecadores convertidos e pessoas que lhe imploravam por socorro (cf. Mt 8,14; 9,9-11; Lc 8,50-56; 10,38-42; 19,1-10; Jo 14,1-2).

Tal olhar acolhedor do rosto de Cristo também deve imbuir seus discípulos missionários de um sentimento sedento de comunhão “uns com os outros”.

A Igreja, como comunidade dos perdoados, a comunhão dos remidos, e como reunião dos filhos de Deus deve viver em amor. Através de Cristo, o cabeça da Igreja, todos os que se achegam de contextos diversos são colocados em um mesmo patamar. A vida na casa do Pai nos liberta de um dos principais males da sociedade hodierna, a solidão. A Igreja, portanto contrapõe-se à “tentação, muito presente na cultura atual, de ser cristãos sem igreja e das novas buscas espirituais individualistas” (DAp 155-156).

Bestard coloca a questão em pauta desta maneira:

A igreja é fundamentalmente comunidade, comunhão, a fraternidade universal vivida. Não se pode, portanto, aparecer diante do mundo, como uma simples massa de batizados que se ignoram mutuamente e que vivem trancados em uma religiosidade individualista e rotineira. O cristão autêntico não pode se isolar, não pode viver a margem da comunhão com os demais. Não se pode ser cristão autêntico ao se viver trancafiado no isolamento egoísta ou perdido na massa amorfa e despersonalizada¹⁵.

A comunhão na casa do Pai providencia o ambiente para nos nutirmos do Pão da Palavra de Deus. Assim as comunidades se tornam agápicas (cf. Jo 13,34-35) e atrativas, pois esta é a promessa do Cristo acolhedor (cf. DAp 158-159). A Igreja de Cristo não é uniforme e sim unida, e esta unidade manifesta-se na diversidade, pois “Cada batizado é portador de dons que deve desenvolver em unidade e



complementaridade com os dons dos outros, a fim de formar o único Corpo de Cristo, entregue para a vida do mundo.” (Doc. Ap. n.162).

1.4. O ROSTO DE CRISTO E O CAMINHO DE FORMAÇÃO

Mais uma vez, salientam-se, no Documento de Aparecida, as formas de encontro com o rosto do Cristo receptivo. Encontramos esse rosto quando desenvolvemos uma espiritualidade trinitária, realiza-se na fé recebida e vivida na Igreja. Encontramos Jesus na Sagrada Escritura, lida na Igreja, fonte de evangelização. Encontramos esse rosto na leitura orante da Escritura. Encontramos esse rosto na Sagrada Liturgia.

A Eucaristia é o lugar privilegiado do encontro do discípulo com Jesus Cristo. Encontra-se o rosto do Cristo receptivo no sacramento da reconciliação, que se compadece de nós e nos dá o dom de seu perdão misericordioso.

A oração pessoal e comunitária também é um local de encontro. O local de encontro com o Cristo receptivo é em meio a uma comunidade viva na fé e no amor fraterno. Aí, Ele cumpre sua promessa: “Onde estão dois ou três reunidos em meu nome, aí estou eu no meio deles” (Mt 18,20).

O local do encontro também está nos pobres, aflitos e enfermos (cf. Mt 25,37-40), pois o encontro com Jesus Cristo através dos pobres é uma dimensão constitutiva de nossa fé em Jesus Cristo. Da contemplação do rosto sofredor de Cristo neles. A piedade popular também é esse local de encontro (DAp 240-263).

O documento passa a desenvolver os aspectos do processo de formação dos discípulos constituídos de: 1. O encontro com Jesus Cristo. 2. A conversão. 3. O discipulado. 4. A comunhão. 4. A missão (cf. DAp 278). O rosto do Cristo acolhedor e receptivo é aquele que transforma e forma segundo o Seu próprio molde. O Documento de Aparecida propõe uma “formação integral, querigmática e permanente”. Onde a



Missão principal da formação é ajudar os membros da Igreja a se encontrar sempre com Cristo [...]. Por isso, a formação obedece a um processo integral, ou seja, compreende várias dimensões, todas harmonizadas entre si em unidade vital. Na base dessas dimensões está a força do anúncio querigmático. O poder do Espírito e da Palavra contagia as pessoas e as leva a escutar Jesus Cristo [...]. O anúncio se fundamenta no fato da presença de Cristo Ressuscitado hoje na Igreja, e é fator imprescindível do processo de formação de discípulos e missionários. Ao mesmo tempo, a formação é permanente e dinâmica, de acordo com o desenvolvimento das pessoas e como serviço que são chamadas a prestar, em meio às exigências da história¹⁶.

Os locais para essa formação, segundo o Documento são: 1. A Família. 2. As Paróquias. 3. Pequenas comunidades eclesiais. 4. Os movimentos eclesiais e novas comunidades. 5. Os seminários e casas de formação religiosa. 6. Os centros educativos católicos. 7. As universidades e centros superiores de educação católica. (DAp 302-343). Bestard concorda:

É verdade que para a formação permanente do clero, dos religiosos e dos seculares contamos com as faculdades, institutos e escolas de Teologia, etc, mas a Arquidiocese, como tal também pode ser uma escola de formação permanente na ação pastoral, uma escola de aprendizagem da metodologia pastoral. Um lugar apropriado para o estudo de temas pastorais pontuais e para o intercâmbio de bibliografia para os mesmos¹⁷.

1.5. O ROSTO DE CRISTO E A MISSÃO A SERVIÇO DA VIDA PLENA

O Senhor Jesus Cristo, bom pastor, deixou bem claro o caráter de sua vinda ao mundo:

“O ladrão vem somente para roubar, matar e destruir; eu vim para que tenham vida, e a tenham com plenitude. Eu sou o bom pastor; o bom pastor dá a vida pelas ovelhas” (Jo 10,10-11) (DAp 355). No Documento de Aparecida, Cristo é o doador e plenitude da vida, aliás, Ele deu a sua vida para que nós pudéssemos viver (DAp 353).

O rosto de Cristo em Aparecida é o rosto do Vivente e o rosto do Cristo Bom Pastor.



O conceito de vida nova, no documento da V conferência não envolve somente um evento climático para a posterior herança da vida eterna. O documento salienta a importância de vivermos a nova vida já (DAp 349), no presente, e também sermos anunciadores desta nova qualidade de vida (cf. Jo 5,24; Gl 2,20). Assim os discípulos missionários da Igreja de Cristo “a todos quer transmitir uma mensagem de vida, justiça e esperança, pois está consciente de que evangelizar significa também defender a dignidade da vocação humana e restituir a esperança aos aflitos. É assim que ela se faz testemunha e sinal de Jesus Bom Pastor na cidade”¹⁸.

O Documento destaca que o encontro com Cristo afeta a vida humana de forma integral:

A vida nova de Jesus Cristo atinge o ser humano por inteiro e desenvolve em plenitude a existência humana “em sua dimensão pessoal, familiar, social e cultural [...]. Só assim será possível perceber que Jesus Cristo é nosso salvador em todos os sentidos da palavra. Só assim manifestaremos que a vida em Cristo cura, fortalece e humaniza. Porque “Ele é o Vivente, que caminha a nosso lado, manifestando-nos o sentido dos acontecimentos, da dor e da morte, da alegria e da festa” [...], porém, as condições de vida de muitos abandonados, excluídos e ignorados em sua miséria e dor, contradizem a esse projeto do Pai e desafiam os cristãos a maior compromisso a favor da cultura da vida. O Reino de vida que Cristo veio trazer é incompatível com essas situações desumanas [...]. Descobrimos, dessa forma, uma profunda lei da realidade: a vida só se desenvolve plenamente na comunhão fraterna e justa. Porque “Deus em Cristo não redime só a pessoa individual, mas também as relações sociais entre os seres humanos [...]. Trata-se do Reino da vida. Porque a proposta de Jesus Cristo a nossos povos, o conteúdo fundamental dessa missão, é a oferta de vida plena para todos”¹⁹.

1.6. O ROSTO DE CRISTO E O REINO DE DEUS

O rosto de Cristo em Aparecida é o rosto presente que diz “O prazo se cumpriu. O Reino de Deus está chegando. Convertam-se e creiam no Evangelho” (Mc 1,15). “A voz do Senhor continua a nos chamar como discípulos missionários e nos desafia a orientar toda a nossa vida a partir da realidade transformadora do Reino de Deus que se faz presente em Jesus” (DAp 382).



O Documento visa impulsionar, a partir desse rosto de Cristo presente, que diz “Eis que estou convosco todos os dias”, a Igreja à prática do Reino de Deus da justiça social, da caridade Cristã, da dignidade humana, e da opção pelos pobres e excluídos.

Nossa fé proclama que “Jesus Cristo é o rosto humano de Deus e o rosto divino do homem”. Por isso, “a opção preferencial pelos pobres está implícita na fé cristológica naquele Deus que se fez pobre por nós, para nos enriquecer com sua pobreza”. Essa opção nasce de nossa fé em Jesus Cristo, o Deus feito homem, que se fez nosso irmão (cf. Hb 2,11-12). Opção, no entanto, não exclusiva, nem excludente [...]. Se essa opção está implícita na fé cristológica, os cristãos, como discípulos e missionários, são chamados a contemplar, nos rostos sofredores de nossos irmãos, o rosto de Cristo que nos chama a servi-lo neles: “Os rostos sofredores dos pobres são rostos sofredores de Cristo”²⁰.

1.7. O ROSTO DE CRISTO E A FAMÍLIA, PESSOAS E VIDA

O rosto de Cristo no Documento da V conferência é o rosto do Cristo familiar:

A família cristã está fundada no sacramento do matrimônio entre um homem e uma mulher, sinal do amor de Deus pela humanidade e da entrega de Cristo por sua esposa, a Igreja. A partir dessa aliança se manifestam a paternidade e a maternidade, a filiação e a fraternidade, e o compromisso dos dois por uma sociedade melhor [...]. Na comunhão de amor da três Pessoas divinas, nossas famílias têm sua origem, seu modelo perfeito, sua motivação mais bela e seu último destino²¹.

Através do modelo familiar do Cristo da Trindade e também da “sagrada família” somos inspirados a exercer a vida cristã de modo que Cristo seja manifesto no âmbito familiar. Isso será praticado quando desenvolvermos relações genuinamente cristãs no cuidado das crianças, pois o rosto de Cristo é receptivo com as crianças e ainda hoje repete: “deixai vir a Mim os pequeninos”. Relações genuínas com os jovens e adolescentes que “em sua procura pelo sentido da vida, são capazes e sensíveis para descobrir o chamado particular que o Senhor Jesus lhes faz” (DAp 443). Relações



genuínas com os idosos (cf. Lc 2,41-50). Relações genuínas com as mulheres e sua dignidade (DAp 451). O documento salienta o modelo perfeito que os homens têm em Cristo para exercerem suas responsabilidades (DAp 459) e como podemos ver em (Ef 4,13; 5,25-28).

Também o rosto de Cristo é o rosto do *Lógos* criador, que fará sempre a opção pela preservação da vida no concernente às pessoas e ao meio ambiente (DAp 470).

1.8. O ROSTO DE CRISTO E NOSSOS POVOS E CULTURA

O rosto de Cristo em Aparecida é o rosto de Cristo universal, que contempla o mundo inteiro. É o rosto do Cristo reconciliador, “a saber, que Deus estava em Cristo reconciliando consigo o mundo, não imputando aos homens as suas transgressões, e nos confiou o a palavra da reconciliação” (cf. 2 Cor. 5,19). Assim esse Cristo, através de Sua Igreja deve continuar todas as coisas que Jesus começou a fazer e a ensinar (cf. At 1,1).

Espeja comenta sobre a evangelização e as culturas:

Com esta palavra entendemos um sistema integrado por crenças (sobre a realidade, sobre o homem, sobre o futuro), por valores (o que é bom, o que é justo e normativo), por costumes (alimentação, vestuário, trabalho, relações sociais e formas de rezar) e por instituições onde se refletem essas crenças, valores e costumes (família, escolas, hospitais, ritos religiosos...). É urgente a “inculturação” [...]. A fé Cristã não se identifica com nenhuma cultura; é um dom gratuito: pode sobreviver a todas as culturas e é capaz de encorajar o dinamismo de todas elas [...]. A fé cristã tem que entrar no dinamismo cultural, ler os sinais do Espírito ativo em cada cultura e se fazer um princípio inspirador para levar a plenitude dos valores existentes nas culturas distintas²².

Os discípulos de Cristo demonstrarão Sua presença universal através de uma educação com o bem público, uma pastoral da comunicação social, evangelizando a cultura,



exercendo influência na vida pública e no âmbito político, o desenvolvimento de uma pastoral urbana, servir a unidade e fraternidade dos povos e promover a integração dos indígenas e afro-americanos (DAp 476-529).

CONCLUSÃO

O Documento de Aparecida é abrangente como as demais conferências como pontua Souza:

Uma vez que estas conferências não se caracterizam como momentos de discussão dogmática nem tão pouco teológica, elas vão de fato, se caracterizar por serem justamente momentos em que a Igreja convoca-se a si própria para avaliar e discutir a razão fundamental do estar no mundo: a evangelização. Analisando os contextos em que se inseriram a cada conferência, a Igreja pode exaltar suas conquistas, mas, sobretudo, pontuar e refletir suas carências e deficiências [...] foram sempre momentos ricos, do sopro do Espírito que conduz sua Igreja presente neste mundo para ser sinal de esperança e da presença do reino⁵³.

Em Aparecida nós vemos o rosto do Cristo encarnado (cf. Jo 1,14) e conhecedor de todas as mazelas da humanidade e o rosto do Cristo exaltado (cf. Ef. 1, 20-23).

Este Cristo exaltado governa Sua Igreja e faz com que ela seja Sua força no mundo no espalhar de Sua mensagem do evangelho. Este rosto de Cristo, dos céus, está sempre pronto a contemplar e assistir os seus discípulos missionários (cf. At 7,56).

BIBLIOGRAFIA

LIVROS:



ARQUIDIOCESE DE SÃO PAULO. *Discípulos-missionários na cidade de São Paulo*. 10. Plano de Pastoral. São Paulo: Secretariado Arquidiocesano de Pastoral, 2009.

BESTARD, Joan. *Corresponsabilidad y Participación en La Parroquia*. El Consejo Pastoral Parroquial. Traduzido por Élcio Correia. Madrid: PPC, Editorial y Distribuidora S.A., 1995.

CELAM. *Texto conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe*. São Paulo: Edições CNBB, Paulus e Paulinas, 2007.

DORADO, Antônio González. *La Buena Notícia Hoy hacia una Evangelización Nueva*. Traduzido por Élcio Correia. Madrid: PPC, Editorial y Distribuidora S.A., 1995.

ESPEJA, Jesús. *El evangelio em nuevas culturas*. Traduzido por Élcio Correia. Estella (Navarra): Editorial Verbo Divino, 1992.

OLIVEIRA, João Bosco; OLIVEIRA, Aparecida de Fátima Fonseca. *Uma nova evangelização*. Pastoral de conjunto e pastorais orgânicas. São Paulo: Paulus, 2011.

OPORTO, Santiago Guijarro. *Seguidores de Jesus e ouvintes da Palavra*. Em Querigma Discipulado e Missão. Perspectivas atuais. Coleção Quinta conferência. São Paulo: Edições Paulinas, Paulus, 2007. pp. 47-70.

QUESADA, Fernando. *La espiritualidade del educador Cristiano in Uma Espiritualidad Laical para América Latina*. SMUTKO, Gregorio y Equipo. Traduzido por Élcio Correia. Santafe de Bogota: San Pablo, 1995.

RETAMALES, Santiago Silva. *A proclamação do querigma segundo o Novo Testamento*. Em Querigma Discipulado e Missão. Perspectivas atuais. Coleção Quinta conferência. São Paulo: Edições Paulinas, Paulus, 2007.

VALLEJO. Carlos Amigo. *Evangelización y ministerio pastoral*. Traduzido por Élcio Correia. Madrid: PPC, Editorial y Distribuidora S.A., 1995.

ARTIGOS:



SOUZA, Ney de. Do Rio de Janeiro (1955) à Aparecida (2007): Um olhar sobre as conferências gerais do episcopado da América Latina e do Caribe. São Paulo: *Revista de Cultura Teológica*, v. 16-n. 64, Edições Paulinas, Pontifícia Faculdade de Teologia Nossa Senhora da Assunção, 2008, p.127-146.

* Graduado em Teologia pela Faculdade de Teologia Batista do Paraná. Mestrando do Programa de Estudos Pós-graduados em Teologia, PUC/SP.

¹ SOUZA, Ney de. Do Rio de Janeiro (1955) à Aparecida (2007): Um olhar sobre as conferências gerais do episcopado da América Latina e do Caribe. São Paulo: *Revista de Cultura Teológica*, v. 16-n. 64, Edições Paulinas, Pontifícia Faculdade de Teologia Nossa Senhora da Assunção, 2008, p.127-146.

² DAp 32.

³ SOUZA, Ney de. Evolução histórica para uma análise da Pós-Modernidade. In: TRANSFERETTI, José; GONÇALVES, Paulo Sérgio Lopes (Orgs). *Teologia na Pós-modernidade*. São Paulo: Edições Paulinas, 2003, p. 103-140.

⁴ ARQUIDIOCESE DE SÃO PAULO. *Discípulos-missionários na cidade de São Paulo*. 10. Plano de Pastoral. São Paulo: Secretariado Arquidiocesano de Pastoral, 2009, p. 33-34.

⁵ DAp 147.

⁶ DORADO, Antônio González. *La Buena Noticia Hoy hacia una Evangelización Nueva*. Traduzido por Élcio Correia. Madrid: PPC, Editorial y Distribuidora S.A., 1995, p. 71,72.

⁷ VALLEJO, Carlos Amigo. *Evangelización y ministerio pastoral*. Traduzido por Élcio Correia. Madrid: PPC, Editorial y Distribuidora S.A., 1995, p. 9.

⁸ DAp 131.

⁹ QUESADA, Fernando. *La espiritualidade del educador Cristiano in Uma Espiritualidad Laical para América Latina*. SMUTKO, Gregorio y Equipo. Traduzido por Élcio Correia. Santafe de Bogota: San Pablo, 1995, p.121-152.

¹⁰ DAp 135.

¹¹ DAp 144.

¹² OPORTO, Santiago Guijarro. *Seguidores de Jesus e ouvintes da Palavra*. Em Querigma Discipulado e Missão. Perspectivas atuais. Coleção Quinta conferência. São Paulo: Edições Paulinas, Paulus, 2007, p. 47-70.

¹³ RETAMALES, Santiago Silva. *A proclamação do querigma segundo o Novo Testamento*. Em Querigma Discipulado e Missão. Perspectivas atuais. Coleção Quinta conferência. São Paulo: Edições Paulinas, Paulus, 2007. p. 9-46.

¹⁴ DAp 146.

¹⁵ BESTARD, Joan. *Corresponsabilidad y Participación em La Parroquia*. El Consejo Pastoral Parroquial. Madrid: PPC, Editorial y Distribuidora S.A., 1995, p. 53. (Tradução por Élcio Correia).

¹⁶ DAp 279.

¹⁷ BESTARD, Joan. Op. Cit. p. 64. (Tradução nossa).

¹⁸ ARQUIDIOCESE DE SÃO PAULO. *Discípulos-missionários na cidade de São Paulo*. 10. Plano de Pastoral. São Paulo: Secretariado Arquidiocesano de Pastoral, 2009, p. 58.

¹⁹ DAp 356,358,359,361.

²⁰ DAp 392,393.

²¹ DAp 433,434.

²² ESPEJA, Jesús. *El evangelio em nuevas culturas*. Traduzido por Élcio Correia. Estella (Navarra): Editorial Verbo Divino, 1992, p. 29-30.

²³ SOUZA, Ney de. Op. Cit. p.127-145.